

Os Poemas dos Blythes

LUCY MAUD MONTGOMERY



Ciranda Cultural

Os Poemas dos Blythes

LUCY MAUD MONTGOMERY



Ciranda Cultural

*Os Poemas
dos Blythes*
LUCY MAUD MONTGOMERY

Tradução
Thalita Uba



Ciranda Cultural

© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução

Thalita Uba

Preparação

Fernanda R. Braga Simon

Revisão

Mariana Góis

Luciana Garcia

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ilustração de capa

Beatriz Mayumi

Ebook

Jarbas C. Cerino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787p Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942

Os poemas dos Blythes [recurso eletrônico] / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Thalita Uba ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2020.

112 p. ; ePUB ; 2,2 MB. – (Ciranda Jovem)
Inclui índice. ISBN: 978-65-5500-509-7 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3. Poemas. I. Uba, Thalita. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-2518

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que

foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

*A primeira metade deste livro trata da vida
antes da Primeira Guerra Mundial.
A segunda parte trata da vida após a guerra.*



PARTE UM

Nos meus livros Vale do Arco-Íris e Rilla de Ingleside, um poema é mencionado, “O Flautista”, que supostamente teria sido escrito e publicado por Walter Blythe antes de sua morte, na Primeira Guerra Mundial. Embora a existência de tal poema não seja real, muitas pessoas me escreveram perguntando onde poderiam encontrá-lo. Os versos foram escritos recentemente, mas parecem ainda mais apropriados agora do que antes.

O FLAUTISTA

*Certo dia, o Flautista desceu até o vale...
Doce, extensa e suave era sua toada!
As crianças o seguiram de lar em lar,
A despeito dos entes queridos a implorar,
Tamanho o encanto de sua balada,
Como a canção de um regato da floresta.*

*Um dia, o Flautista retornará
Para entoar aos filhos desta terra suada!
Eu e você seguiremos de lar em lar,
Muitos de nós para nunca mais voltar...
De que importa, se a Liberdade ainda resta*

Como a coroa de cada montanha funesta?

Walter Blythe

CREPÚSCULO EM INGLESIDE

No circuito familiar de Ingleside, Anne Blythe, antigamente Anne Shirley, às vezes lê seus poemas à família na hora do crepúsculo, inclusive para Susan Baker, a governanta-assistente, que está com eles há tanto tempo que parece ser da família. Antes de se casar, Anne escrevia contos ocasionalmente, mas desistiu quando os filhos eram pequenos. Entretanto, ela ainda escreve poemas de vez em quando, e então os lê para a família, que se senta em um círculo para ouvir, sem tecer comentário algum até o fim.

O doutor Blythe *pensa*: “Será que nós, adultos, brincamos o suficiente? Veja a Susan... Ela é totalmente escrava das crianças. No entanto, talvez isso seja uma brincadeira para ela”.

Susan, *que desaprova ao máximo o fato de Walter escrever poemas, mas acha que tudo que a senhora Blythe faz é correto, pensa*: “Não sou muito de sonhar, mas é gostoso ter alguém que precisa de você, eu admito... E eles *realmente* precisam de mim aqui... A Shirley precisa, de toda forma. Uma família com cinco crianças e uma propriedade tão grande quando Ingleside precisa de mais de uma mulher, e é aí que eu entro”.

Walter Blythe *pensa*: “Uma enorme pérola pendendo sobre a sua porta. Sempre pensarei nisso quando vir a lua cheia. Gostaria de poder escrever poemas tão bonitos quanto a minha mãe. Talvez eu chegue lá quando for mais velho. Tenho doze anos agora. Leva bastante tempo para se tornar adulto”.

O doutor Blythe *pensa*: “‘Uma casa pequenina, com belas vigas’. Era assim que eu costumava pensar na nossa Casa dos Sonhos quando me casei com a Anne, há dezesseis anos. O primeiro ‘lar próprio’ de um homem é algo que ele nunca esquece. Mas *eu* teria escrito: ‘Sempre que quiseres praguejar

sozinho”.

Susan *pensa*: “Eu sempre gostei do cheiro de menta. Mas quanto menos se falar sobre bruxas diante das crianças, na minha humilde opinião, melhor. Quanto aos tolos... Todos temos incontáveis chances de ser tolos... E nos aproveitamos delas”.

Doutor Blythe: “Suponho que todos precisaremos ouvir o Flautista um dia. Como seremos eu e a Anne quando envelhecermos? Eu serei careca e terei uma papada... Mas ela sempre será a Anne para mim”.

Jem Blythe *diz em voz alta*:

– Minha nossa, a senhora *realmente* sabe escrever poesia, mamãe.

DESEJO A TI

*Amigo meu, no ano vindouro
Eu te desejo um tempo para brincar,
E uma hora para sonhar sob o ocaso de ouro
Quando o clamoroso dia chegar.
(E que a lua, como uma pérola da costa indiana,
Penda qual lanterna sob a porta da tua choupana.)*

*Uma casa pequenina, com belas vigas,
E alguém ali para de ti precisar,
Um vinho gostoso e risadas amigas
Com um ou dois companheiros compartilhar.
(E manter em segredo aquele lugarzinho
Sempre que quiseres chorar sozinho.)*

*Eu te desejo um jardim repleto de rosas,
Belas aquilégias para te deleitar,
O aroma de menta nas tardes chuvosas,
Uma brisa agradável sob a luz do luar.*

*(Umas noites para cavalgar, outras para dormir
Com as bruxas planando pela noite a bramir.)*

*Que uma bela safra de figos possas apanhar,
Com um cardo ou outro a exhibir seu espinho,
Pois enfadonha é a colheita que não ostentar
Pedra alguma em seu longo caminho.
(E vez ou outra, a despeito da razão,
Como um tolo possa agir por opção.)*

*Eu lhe desejo uma sede insaciável
Por toda a graça que a terra pode prover,
Bétulas brancas de beleza infindável
Que a aurora de abril virá florescer.
(E que não haja excessivas ofensas a extinguir
Quando o Flautista quiser finalmente partir.)*

Anne Blythe

A VELHA TRILHA QUE COSTEIA A ORLA

*Venta sob a sombra dos pinheiros druidas do horto
E, por entre seus ramos, vejo o contorno arroxeadado do porto.
Ventos do oeste sopram sobre a pele roxa do mar,
E, no horizonte poente, avistam-se os barcos a chegar
Cortando a espuma das ondas douradas do pôr do sol,
E, ainda mais ao longe, vejo reluzir a luz estrelar do farol.
Tudo permanece como costumava ser outrora,
Mas algo se perdeu na velha trilha que costeia a orla.
Tudo aqui ainda reflete você... as águas seu nome sussurram,
Meu coração atento repete as emoções que abundam.
Sua risada na brisa é mais clara do que quando estávamos sós,
Os suspiros dos pinheiros parecem ecoar a sua voz.
Os céus veranis são tão azuis quanto os olhos seus,
As rosas silvestres na margem aguardam, meu bem, o seu adeus.
Mas rosa e amante esperam em vão, pois você não virá mais
Na velha trilha que costeia a orla comigo passear jamais.
E devo seguir meu caminho solitário até a praia e seus rochedos,
E ansiar pelos beijos dos seus lábios e o toque dos seus dedos,
E observar com olhos tristes o brilho roxo do mar distante,
E as velas a velejar pelo porto enevoadado e pujante;
Pergunto-me se em terras longínquas, onde rosas raras florescem,
Essas velhas lembranças de mim o seu coração ainda aquecem,
E, se o destino permitisse, você voltaria de bom grado para mim
Para caminhar sob o ocaso na velha trilha que costeia a orla até o fim.*

Anne Blythe

Doutor Blythe:

– Em quem você estava pensando quando escreveu isso, Anne?

Anne:

– Gilbert, se você continuar falando com esse tom de ciúmes, vou parar de ler meus poemas para você. Este foi escrito anos atrás e foi motivado pela história de amor de Mary Royce. Você não lembra? E é claro que a velha trilha que costeia a orla é aquela de Avonlea. Tenho certeza de que nós dois passeamos por ela com bastante frequência.

Doutor Blythe:

– Sim, passeamos. E meu coração se entristeceu com bastante frequência depois que você deixou que outra pessoa caminhasse com você para casa na noite anterior.

Susan Baker (*detrás de suas costuras*) pensa: “A mera ideia de deixar qualquer pessoa caminhar com ela até em casa quando poderia ser o médico! Nunca tive um namorado de verdade, mas garotos *já* caminharam comigo até em casa diversas vezes. Não fui totalmente ignorada. Não parece ter importância alguma agora, mas, na época, tinha. Hoje em dia, as garotas perambulam com qualquer um”.

QUARTO DE HÓSPEDES NO CAMPO

*Velho amigo, esta noite és meu parceiro,
A luz do luar esbranquiça teu travesseiro,
O vento suave nos beirais canta
Sobre um local secreto que encanta...
Montanhas azuis que abrigam fontes cintilantes
Costas obscuras e de ondas calmantes...*

*E que um sopro de orvalho fresco
Venha te aprazer com seu modo burlesco.*

*Ainda haverá rumores frondosos
Da janela aberta em dias chuvosos.
E em meio ao silêncio poderás ouvir
A coruja cinzenta seu canto tinir,
Ou então avistar sem sair do chão
Vagalumes brilhando na escuridão...
E que aprendas e não te deixes esquecer
Que teu leito pode um ótimo amigo ser.*

Anne Blythe

Doutor Blythe:

– Eu direi isso quando estiver esgotado. No entanto... Já estive em alguns quartos de hóspedes... Eca!

Susan Baker:

– Eu que o diga! Dizem que todos que dormem no quarto sobressalente da senhora Abel Sawyer, minha querida senhora, é condenado à morte com lençóis úmidos no verão e cobertas insuficientes no inverno. Bem, graças a Deus, ninguém pode dizer isso do nosso quarto de hóspedes aqui.

A SEGUNDA NOITE

A CASA NOVA

*Branca como leite diante dos morros de vinhas,
Atrás dos álamos e suas folhas douradas
Você me aguarda; e eu trago guardadas
Suas chaves e sei que você é minha,
E todos os fantasmas seus que vejo
Dos dias e anos que ainda almejo.*

*Crepúsculos acinzentados pela chuva de abril,
As loucuras da lua do mês de agosto,
O canto de outubro tocando seu rosto,
Em dezembro, o temporal em seu peitoril,
Tudo deve você encantar e adocicar;
Embora ainda recente, é meu lar doce lar.*

*Nesta casa deve haver riso e choro,
Deve haver derrota e vitória,
Momentos de infâmia e outros de glória,
Euforia, apreensões e decoro...
Tudo isso deve se mesclar em seu íntimo,
Moldar sua alma e seu caráter último.*

*Serenatas entoadas em seu portão,
E noivas de branco descendo as escadas,
Garotas com cabelos adornados como fadas,
E pés dançantes bailando em seu chão,
Namorados suspirando em sua varanda,
E crianças no jardim a brincar de ciranda.*

*Deve haver reuniões em torno da lareira,
Encontros e despedidas, nascimento e morte,
Vigílias e prosas de toda sorte...
Tudo se acumulará pela vida inteira,
Uma moradia para quem em você habitar,
Casa querida, embora recente; meu lar, doce lar.*

Anne Blythe

Doutor Blythe:

– Essa é a casa nova que o Tom Lacey construiu na estrada de Lowbridge?
Eu a vi olhar para ela atentamente.

Susan Baker:

– Dizem que custou a ele mais do que ele um dia conseguirá pagar. Mas uma casa nova é interessante, e eu admito. Já pensei, algumas vezes... *(Para de falar, pensando que talvez seja melhor não expressar o que uma velha governanta pensa sobre casas novas.)*

HINO DOS TORDOS

*Quando os ventos distantes sopram suaves
Em meio às árvores do pomar,
Ouve-se o assobio dessas belas aves
Tais quais menestrelis a cantar.*

*Quando o orvalho acumula, inerte e frio
No vale escuro e distante,
Os tordos entoam seu gracioso pio
Para cumprimentar a noite rompante.*

*Escute, ouça-os na clareira da mata
E nas florestas e praias!
Escute, ouça-os na sombra pacata
Da solidão das samambaias,
Onde pequenas fadas se ocultam
Para aprender as notas prateadas
Que sob o enlevo do ocaso avultam
Nas respostas igualmente entoadas.*

*Deve-se ficar contente ao ouvi-los:
Eles próprios se alegram;
Devem manter algo em sigilo,
Segredos que ao bosque se integram,
Alguma confiança que repetem sem cansar
Para nós enquanto a escuridão se instala
Quando ouvimos o tordo a cantarolar
O chamado que a vida embala.*

Anne Blythe

Susan Baker:

– Eu realmente gosto de ouvir o assovio dos tordos no entardecer.

Anne:

– Às vezes, o bosque de bordos e o Vale do Arco-Íris parecem ganhar vida com eles.

Doutor Blythe:

– Você se lembra de quando eles costumavam cantar na Mata Assombrada e na Encosta do Pomar?

Anne, *melancolicamente*:

– Não me esqueci de nada, Gilbert... De nada.

Doutor Blythe:

– Nem eu.

Jem Blythe, *gritando à janela*:

– Colheres! Colheres! Diga, Susan, sobrou algum pedaço daquela torta? Eu gosto mais dela do que do canto de todos os tordos do mundo.

Susan:

– Isso é muito coisa de menino! Quem dera o Walter fosse mais assim.

NOITE

*Uma lua pálida e enfeitiçada se põe lentamente
Por trás das dunas que contornam a escuridão campal;
Há uma luz estelar assombrando a corrente
Do mar imemorial.*

*Estou só e não há mais necessidade de fingir
Risada ou sorriso para ocultar o coração palpitante;
De mãos dadas com a solidão continuo a seguir,
Oculto e distante.*

Caminhamos em uma estrada sombria pelo pantanal,

*Onde as sombras entrelaçam feixes fantasmagóricos
E os ventos entoam uma canção ancestral
Que da tumba evoca seres históricos.*

*Sou irmã da beleza
De uma colina distante e da orla sob a aurora,
E nela encontro uma doce tristeza
De toda a dor de outrora.*

*O mundo do dia, sua amargura e aflição,
Não mais podem provocar-me ranço...
Saúdo esse enlace com a escuridão
Como o proletário saúda o descanso.*

Anne Blythe

Doutor Blythe:

– Mais imaginação, suponho. Quando foi que *você* sofreu com um coração palpitante?

Anne, *repreensivamente* :

– Toda a minha infância, Gilbert. E quando pensei que *você* estava apaixonado por Christine Stuart. E... E... Quando a pequena Joyce faleceu. *Você não pode* ter esquecido, Gilbert.

Doutor Blythe, *arrependido* :

– Não, mas sempre penso em *você* começando a vida quando eu a vi pela primeira vez. O egoísmo do homem, *você* dirá, com razão. Mas as pessoas *de fato* esquecem porque precisam esquecer. O mundo não poderia seguir adiante se não esquecessem. E algo machuca alguém todos os dias, *você* sabe.

Susan Baker:

– Aquela farpa que eu arranquei da perninha do nosso amado Shirley hoje o machucou, pode ter certeza disso.

HOMEM E MULHER

O HOMEM

*Amor, preciso ser o único com quem você um dia sonhou,
Nenhum pode ter me precedido em cativar seu coração;
Apenas meus são seus sussurros, apenas meu é o seu riso,
Jamais os beijos fantasmagóricos de outro nos separarão.*

*Apenas para mim seu rosto angelicamente alvo corou,
Apenas para mim seus olhos de safira são dois amuletos;
Dama da névoa e da chama, diga que sou seu único paraíso,
E que mais ninguém se perdeu nas mechas de seus cabelos pretos.*

A MULHER

*Meu bem, de nada importa quem houve antes de mim,
Mulheres formosas, de beleza sem fim,
Cortejadas sob crepúsculos extintos, desejadas em noites esquecidas...
O único pedido que faço é que nenhuma exista depois de mim.
Preciso esvaziar a última taça, nem as borras me atrevo a deixar
Para nenhuma outra, rainha, cigana ou freira!
Diga-me que ninguém mais ouvirá seu “Eu te amo” sussurrado,
Diga-me que só eu serei sua pela vida inteira.*

Anne Blythe

Doutor Blythe:

– Esse é o tipo de poema de que eu, decididamente, menos gosto. Mas suponho que devamos registrar tudo na nossa imaginação. Você realmente escreveu essas coisas, Anne?

Anne:

– Em Redmond. E é claro que era puramente fantasia e nunca foi publicado. Veja como o papel está amarelado! E você foi o primeiro, você sabe.

Susan Baker, *com firmeza*:

– A senhora pode achar que escreveu esse poema, cara senhora Blythe, mas *não* escreveu. Esse papel acabou misturado em meio aos seus e a senhora esqueceu. Então me atreverei a dizer que, até onde sei, não é muito digno. E tenho certeza de que o doutor concorda comigo.

Doutor Blythe, *fingindo seriedade*:

– Bem, como eu fui o primeiro... E não o Charlie Pye...

Anne, *jogando o papel amarelado no fogo*:

– Pronto, basta dessa sandice.

Doutor Blythe, *resgatando-o*:

– De forma alguma. Esperarei para ter certeza de que *sou* o último e como você se comportará como minha viúva.

Susan, *indo para a cozinha para começar os preparativos do jantar*:

– Se eu não soubesse que eles estão brincando, ficaria assustada. Mas não é possível imaginar qualquer um dos dois afeiçoando-se a outra pessoa. No entanto, dizem que o senhor Meredith se casará com Rosamond West... E ele é um verdadeiro santo. Este é um mundo desconcertante, e fico muito contente por não estar no comando dele, não importa o que a senhora Marshall Elliot diga sobre as coisas serem melhores se as mulheres estivessem na liderança.

A TERCEIRA NOITE

HÁ UMA CASA QUE AMO

*Há uma casa que amo
Próxima ao mar convidativo;
Não importa se outro lugar aclamo,
Meu lar é sempre altivo.*

*Cada cômodo é um amigo
Para todos que vêm e vão;
Conheço o jardim antigo:
Cada árvore e cada botão.*

*A menta silvestre na horta,
Os amores-perfeitos na janela,
O abeto que a mim reconforta
Sobre a relva mais bela.*

*Sábia como seu dono,
Lembrete das coisas mais belas,
Das luas do céu do outono,
Da chuva que ora nos brinda.*

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Os Poemas dos Blythes"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).